

ONDE ESTÃO AS NEVES DE MAX MARTINS?: ALGUMAS ANOTAÇÕES EM TORNO DE “OÙ SONT, VILLON” (O RISCO SUBSCRITO)

SÍLVIO HOLANDA

Professor de Literatura Portuguesa da
Universidade Federal do Pará - UFPA

“De todo príncipe a morte é dona,
Como de todos que ainda vivem,
Tanto os malditos como os aflitos,
A uns e outros o vento leva”.

Villon

A poesia de Max Martins, a par da leitura de autores de língua inglesa - Pound, Eliot, Wallace Stevens - aponta para uma recepção crítica de escritores franceses, quer modernos como Mallarmé (“É o Dado / Ou só um dedo apontando, um dígito / no lance” - Martins, 1992, 181) e Rimbaud, quer medievais, como François Villon (François de Montcorbier). Este último, morto em data posterior a 1463, recebeu traduções modernas de Pound, que no *ABC de Literatura*, escreveu: “O mais difícil, o mais autêntico, o mais absoluto poeta da França. O pobre-diabo, o realista, que era também um letrado. Mas que viu o sonho medieval ser-lhe arrancado à força. § Um técnico insuperável. Cujas artes veio também da Provença.” (Pound, 1986, p. 93).

Se, como quer João Alexandre Barbosa, escrever, na modernidade, é (re)ler, o que escreveu Max Martins ao ler a famosa *Ballade des dames du temps jadis?* de Villon? Como criação e tradução se fundem na prática poética? Incorporada à poesia, a tradução, por sua atitude reflexiva e crítica, opera uma atualização do poema traduzido, relendo a temática explorada por Villon. Comparados, os dois poemas traduzem diferenças que não se reduzem ao meramente circunstancial ou histórico. Mesmo não se tratando, evidentemente, de uma tradução da balada francesa, o texto *Où sont, Villon?* pode ser lido com base na ideia de tradução como criação e crítica.

O título do poema de Max Martins (*Où sont, Villon?*), retomando o refrão villoniano (*Mais ou sont les neiges d'antan*), explora, dentro da ideia poundiana de melopéia, as possibilidades vocálicas deste, num jogo deslizante de assonâncias em [ô] a se espalhar, em cascata, pelos versos: sombra, sonho, nome, Villon. A seqüência vocálica original de Villon - [u], [ô], [E], [ā] é recriada pela assonância, salientando-se a realidade material do signo, enfatizada, em termos de uma poética da tradução, por Haroldo de Campos.

A par da exploração do significante, a leitura poética do(s) significado(s) da balada de Villon, empreendida pelo poema de Max Martins, recorre a uma combinatória que desloca as palavras de seus lugares originais. Assim, combinando as palavras *nome* (talvez síntese dos nomes de mulheres mencionados na balada: Flora, Thaïs, Bietris, Jehanne, etc.), *sonho* (sugerido pela forma verbal “sont”), *neves* (“neiges”) e *onde* (“où”), segundo diversas ordens, o poeta, a partir do francês arcaico, explora, ao limite, as possibilidades rítmicas da poesia moderna. Assim, a forma fechada da balada francesa, articulada em oitavas de versos octossilábicos, cede lugar, no poema de Max Martins, ao verso livre (ou poesia livre, como quer Meschonnic) e à exploração do espaço em branco.

A bela metonímia de Villon (“neiges d'antan”) traduz uma inquietação diante da morte (pense-se, por exemplo, na morte de Joana d'Arc, a *Jehanne* do poema), a que os dotes da beleza, do sabedoria ou da coragem

BALLADE

des dames du temps jadis

Dictes moy ou, n'en quel pays,
Est Flora la belle Romaine,
Archipiades Alcibiade, ne Thaïs,
Qui fut sa cousine germaine,
Echo parlant quant bruyt on maine
Dessus riviere ou sus estan,
Qui beaulté ot trop plus qu'humaine.
Mais ou sont les neiges d'antan?

Ou est la tres sage Helloïs,
Pour qui chastré fut et puis moyne
Pierre Esbaillart a Saint Denis?
Pour son amour ot ceste essayne.
Semblablement, ou est la royne
Qui commanda que Buridan
Fust geté en ung sac en Saine?
Mais ou sont les neiges d'antan?

La royne Blanche comme lis
Qui chantoit a voix de seraine,
Berte au grant pié, Bietris, Alis,
Haremburgis qui tint le Maine,
Et Jehanne la bonne Lorraine
Qu'Englois brulerent a Rouan;
Ou sont ilz, ou, Vierge souveraine?
Mais ou sont les neiges d'antan?

Prince, n'enquerez de sepmaine
Ou elles sont, ne de cest an,
Qu'a ce reffrain ne vous remaine
Mais ou sont les neiges d'antan?
(Villon, 1961, 22-3)

OÙ SONT, VILLON?

ou sombra onde as neves sonho o som sem nome
sem nome ou sombra neves sonho o som
o som sem nome ou sombra onde as neves do sonho
do sonho sem ou sombra (nome): as neves
as neves do sonho som sem nome ou sombra onde

neves

sem sombra

ou

do sonho onde o som são neves

onde

o som

as neves

sem nome

do sonho

ou sombra?

onde as neves do sonho
o som sem nome ou sombra?
(Martins, 1992, 200)

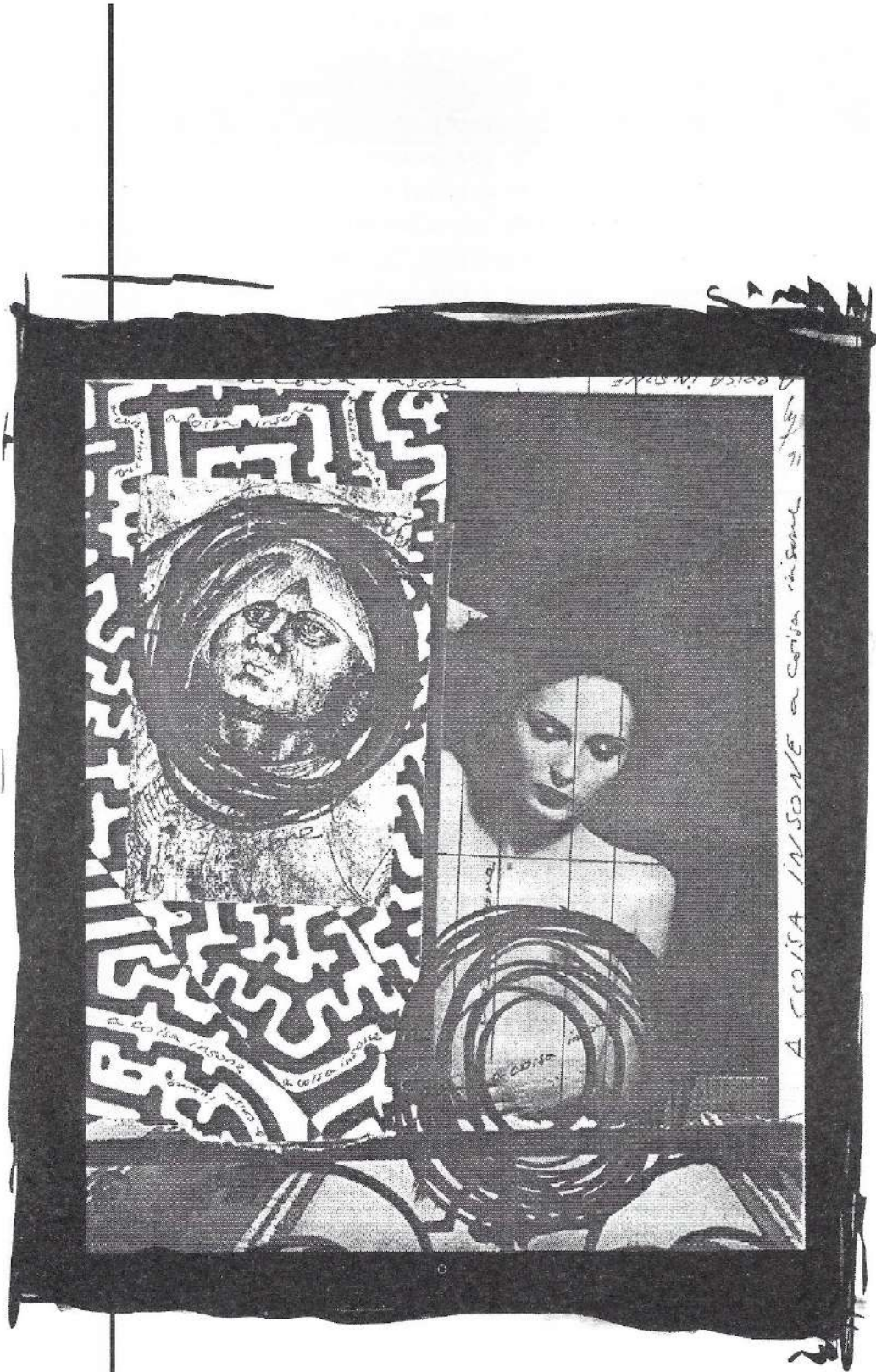
não podem senão opor fugaz resistência. Em *O Testamento*, a que pertence a balada em questão, Villon revê sua vida e expressa seu horror pela doença, pela prisão e pela velhice, e seu medo da morte, em um pungente arrependimento em relação à sua juventude. Essa aguda tematização do efêmero é lida na poesia do autor de *O risco subscrito* como “som sem nome” e “neves do sonho”, sendo os nomes das mulheres citadas por Villon reduzidos a um som sem nome: “onde as neves do sonho / o som sem nome ou sombra?”.

As neves do refrão villoniano referem-se a um outrora (“d’antan”) em que tudo se esfuma, mesmo a beleza mais arrebatadora, como a de Flora, a bela cortesã romana. Recriado em português, o refrão, mercê das possibilidades combinatórias do ritmo, passa a ser “neves sonho o som”, “neves do sonho”, “neves / sem sombra”, “o som são neves” e “as neves / sem nome”, desaparecendo, no refrão, para dar lugar a um vocativo: *Où sont, Villon?* As neves medievais, a cair no exílio e na prisão de Villon, fazem-se modernas por um jogo de combinações rítmicas e vocálicas. A forma verbal francesa (“sont”), mantida no título, não apresenta literalmente sua correspondente em português (“estão”). Contudo, esta ecoa, vocalicamente, em outras palavras do poema: sombra, sonho, som, etc., como se o poeta operasse, nos termos propostos por Haroldo de Campos, uma tradução recriativa ou criação paralela (Campos, 1992, 35). Operou-se, assim, entre o refrão de Villon e os versos de Max Martins (“onde as neves do sonho / o som sem nome ou sombra?”) um trabalho crítico que atualizou a medieval inquietação diante da morte ou do real tornado sonho, em um contexto moderno de combinatória rítmica.

Dialogando com Mallarmé, Murilo Mendes, Rimbaud, entre outras, a leitura do poema *Où sont, Villon?* mostra-nos, no risco subscrito do poema em eterna fome de si mesmo, um poeta atualizado com as pesquisas estéticas mais recentes e capaz de ler o medieval sem deixar de ser moderno ou, antes, de ler o moderno no medieval.

Bibliografia

- MARTINS, Max. *Não para consolar*: poemas reunidos 1952-1992. Belém, CEJUP, 1992. 351p.
- NUNES, Benedito. *H’era. Colóquio/Letras*. Lisboa, n. 14, p. 92-3, jul. 1973.
- NUNES, Benedito. Prefácio. In: MARTINS, Max. *Não para consolar*. Belém, CEJUP, 1992. p. 17-43.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1986. 218p.
- VILLON, François. *Œuvres*. 4. éd. Paris, Librairie Honoré Champion, 1961. 170p.



Colagem de Max
Martins, 1991